

Impulsos e instintos



Em A opinião de..., José Víctor Orón Semper ¹nos fala sobre termos e mentalidades:

Impulsos e instintos

Original: educacion.press/2018/11/07/terminos-y-mentalidades-impulsos-e-instintos/

Outro dia escutei uma menina de apenas um ano e meio dizer em voz alta, muito orgulhosa e sorridente: "Soltei um pum". Surpreendeu-me a energia que pôs na frase, mas sobretudo a felicidade por poder compartilhar um feito tão marcante. Surpreendeu-me a frase, não somente por sua correção sintática e gramatical; se não por fazer algo que ela vivia como uma celebração familiar.

¹ Doutor em Educação (Universidade de Navarra). Mestre em Neurociência e Cognição (UNAV) e em Bioética (Fundação Jerónimo Legeume). Membro do Grupo Mente-Cérebro (UNAV). Licenciado em Estudos Eclesiásticos (Facultad de Teología San Vicente Ferrer). Engenheiro de Vias, Canais e Portos (Universidad Politécnica de Valencia). Professor do ensino fundamental e médio e sacerdote escolápio. Autor do Programa de Educação Emocional UpToYou.

Espero que, ao final deste artigo, os pais compreendam que o melhor que podem fazer por seus filhos é acolher orgulhosamente o presente do "pum de sua filha".

Alguém poderia pensar que, a esta menina, deveriam ensinar boas maneiras e que, por favor, aprenda logo a comportar-se como se deve, porque ninguém solta gases em público e, menos ainda, faz ostentação disso. Ou seja, tem que se educar alguns comportamentos. Basta olhar na *web* e se encontrarão muitos recursos e livros sobre as vantagens de educar em rotinas e como fazê-lo. Trata-se de ir, pouco a pouco, colocando ordem a esse saco de impulsos de uma criança pequena que quer tudo centrado em seu ego e não se vê além disso. Por exemplo, quer jogar quando é hora de dormir ou comer. Vale a pena, então, que aprenda que cada coisa tem seu momento e que aprenda a distinguir por sinais o que se deve fazer em cada caso. Por exemplo, a luz apagada e o berço são para dormir; e o babador e o cadeirote querem dizer comer.

Esta proposta, à qual não se nega sua lógica adulta, não somente é uma equivocação, senão que tem más consequências, pois a infância não é a época para educar os chamados impulsos, se não para gerar as disposições adequadas para o crescimento pessoal. Ademais, educar em rotinas supõe confundir o efeito com o objetivo. O que vou propor é que adquirir a rotina é um efeito e não pode ser tomado por objetivo.

Para explicá-lo, vou contar o que um psicanalista, Kohut, dizia sobre "o presente fecal" que o bebê dá à mãe e a aconselhava a acolhê-lo "orgulhosamente". Ele entendia e propunha que a criança nasce já constituída em confiança. Se trataria de uma disposição psicológica inata. A forma que a mãe tenha de interagir com seu filho levará a que essa confiança básica seja confirmada ou negada. Tanto Kohut, como outro grande psicanalista, Winnicott, diziam que a primeira tarefa que faz a criança recém-nascida é construir uma imagem da mãe e de si mesmo, a qual acontece em um mesmo tempo e o faz de uma forma criativa e, graças à sua capacidade, também inata, de integrar vivências emocionais díspares. Os dois sustentam que a forma como a mãe reage diante do que vive com o menino é o que essa criança usará para compreender o que acontece, em definitivo, para compreender-se e compreender o que são as relações humanas. O mais importante para nossa vida, estamos aprendendo antes de um ano.

Kohut dizia que, se a mãe trata o filho como um saco de impulsos que tem que ordenar, então a criança não descobrirá que é sujeito e autor de sua vida, senão que se entenderá como "saco de impulsos". **Entender-se assim, como saco de impulsos, já é uma situação doentia.** É o mesmo se a mãe é complacente diante do que entende como impulsos ou se é severa em suas correções; o caso é que se situa diante da criança como se fosse um jogo de impulsos, e isso acabará sendo, porque a criança projeta sobre si mesma a imagem que sua mãe tem.

Desde que a criança nasce, vive dois grandes princípios que a psicanálise nomeia como princípio de realidade e princípio de satisfação. O princípio de realidade é a constatação,

que rapidamente descobre a criança, de que a mãe não é ele. Quando a criança é amamentada e experimenta que o seio da mãe se separa dela, descobre a presença da mãe. O princípio de satisfação é comprovar que nas necessidades, por exemplo, de ser acariciado, é atendido pela mãe. A mãe tem que saber situar-se diante deste jogo, de forma que a criança descubra que a relação é direta, estável e segura.

Imaginemos que chega a hora de comer, e a criança está brincando e não quer comer. Isso se chama frustração ou contrariedade. A vida está cheia delas e literalmente crescemos a partir delas. Diante da frustração, imaginemos que a criança reage como quando algo não funciona, grita, chora, fica tensa e bloqueia a interação. Alguns poderiam pensar que quanto antes adquira a rotina, melhor, e por isso concentram a educação em adquiri-las; outros talvez dizem que tem que deixá-la estar e que faça o que quer. Nos dois casos, os pais se relacionam com o comportamento da criança, mas não com a criança. Poderíamos nos perguntar o que é melhor: educar em rotinas ou educar em saber viver a frustração. A esta segunda opção é o que chamo de educar em disposições. **Educar em disposições é uma alternativa a educar em rotinas.** Ao educar em disposições as rotinas apareceram como um efeito. Porém, como já disse em outros artigos, do menor não se alcança o maior, mas desde o maior não somente se alcança o menor, como ambos brilham em todo seu esplendor. Traduzindo para nossa situação, quem educa em aquisições de rotinas (comportamentos) educará em umas más e patológicas disposições. E ainda, a criança não aprenderá a comportar-se (não será uma criança educada), senão que, no melhor dos casos, será uma criança treinada, que aprenderá a reproduzir este comportamento tal qual um animal adestrado. Porém, quem educar em disposições, educará de uma forma sã e as rotinas passarão a ser potenciadoras do próprio crescimento da criança.

Se, diante de algo que a criança vive, sejam sentimentos de frustração ou o fato de fazer cocô, ela é recebida pela mãe transmitindo uma experiência de desfrute no encontro com a criança e em meio a essas circunstâncias, a criança projetará sobre si o pensamento de que isso que ocorreu são coisas que passam e, com a naturalidade do comportamento da mãe, a criança aprenderá a saber o que fazer. Mas, no momento se a mãe, pelo tato, pela voz e expressão do rosto, transmite que isso não deveria acontecer, a criança pensará que o que aconteceu e que ela faz não está bem feito, pois vê em perigo a relação com a mãe, por sua causa. Pensará que essas emoções e reações instintivas são forças que operam nele, diante das quais se assustará e desejará controlar. **Quando se costuma dizer que as crianças regulam seu comportamento em função da reação emocional da mãe, se está considerando boa uma educação patológica da criança.** A educação do comportamento é efeito, não objetivo. A criança também aprenderá a saber o que fazer quando estiver frustrada, mas isto é um efeito. **A reação emocional da mãe está lhe ensinando quem ele é como pessoa.** Tenhamos bem claro: a primeira coisa que a criança faz é conhecer a si mesma e à mãe. Conhecido isto, já virá tudo o demais. Por isso, se a mãe orgulhosamente acolhe o presente fecal do filho, ele também aprenderá a tirar o depósito fecal de seu

corpo, pois a mãe de fato sorri enquanto o retira, mas o primeiro que aprenderá é que ele é sujeito e autor, e não um saco de impulsos.

Se a mãe se concentra em educar no comportamento, a criança pensará que ela é um saco de impulsos que necessita controlar para não alterar a sua mãe. Não nos equivoquemos, pois neste momento, aprender a comportar-se é uma necessidade do adulto, não da criança.

Quando a menina no início compartilhou com a família "soltei um pum", está compartilhando uma nova experiência vivida de forma consciente e, no mesmo ato, está aprendendo quem é ela, os outros, como se relacionar e como se comportar. Possivelmente, essa menina, diante do primeiro pum que soltou, se deu conta e estranhou. O que aconteceu? Se a mãe reage de forma sorridente e relaxada com ela, a menina vai entender que são coisas que acontecem e que não condicionam a relação com a mãe e, quando for mais velha, compartilhará a frase com que aprendeu a identificar o que está acontecendo com ela.

Quando tomamos por certo que, em nós, existe uma série de impulsos destrutivos que devem ser controlados para acabar mais ou menos bem e com um comportamento operacional e funcional segundo as necessidades da vida, pensamos que o controle dos mesmos é a solução, quando isso, na verdade, é perpetuar a pessoa em uma estrutura psicológica já patológica. **O que a pessoa precisa descobrir é que ela é sujeito, e autor e não um saco de impulsos.**

O mesmo processo se dará em pessoas adultas, porque o que está sendo contado não tem a ver com crianças, mas com a natureza humana. O jovem violento ou agressivo não reconhecerá que é assim, enquanto não descubra que sua violência não é um impedimento para ser acolhido. Quando descobrir que sua violência não põe em questão o relacionamento interpessoal, ele poderá, sem medo, reconhecer sua violência. Às pessoas, o que mais importa é ser acolhidas como pessoas. Se somos, sobre isso podemos fazer o que for. Mas é preciso, para isso, não se concentrar no problema da pessoa, senão na pessoa que vive essa situação.

Não trate os outros como um saco de impulsos os quais você tem que ordenar, já que, no contrário, não descobrirão sua capacidade de ser o autor de sua vida, não se situarão diante de sua vida com uma postura criativa, integrando todas as suas vivências.

Retomamos o exemplo da criança que brinca, mas chega a hora de comer. O difícil da situação é que, tanto querer controlar os impulsos (e, portanto, ter por objetivo a aquisição de rotinas), como deixar a criança solta com seus impulsos (e deixar que a criança faça o que quiser) são duas intervenções negativas para o desenvolvimento pessoal, onde



estamos ensinando à criança que ela é um “saco de impulsos”. Outros tomam a opção de manipular a criança afetuosamente e, com entretenimento, levá-la de um lugar a outro. Em todos esses casos, não se está educando a criança, senão adestrando-a ou desajustando-a (dependendo da opção tomada). Educativamente falando, o que valeria a pena perguntar-se **é como aproveitar o fato de que é necessário passar da brincadeira à comida, para convertê-lo em uma ocasião para a melhora das relações interpessoais.** Isto ajudará a que a criança se descubra como pessoa e não como um saco de impulsos para controlar.

Em UpToYou, a chave educativa é sempre a mesma: aproveite as diversas circunstâncias da vida para a melhora das relações interpessoais.